

O HERALDO

Director, proprietario e administrador
JOSE MARIA DOS SANTOS
 RUA NOVA PEQUENA, 1 E 3

ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS"

Redacção, administração, composição e impressão
 TYPOGRAPHIA BUROCRATICA
 RUA NOVA PEQUENA, 7 E 9

CHRONICA DE PARIS

PELO BOM RENOME DA FRANÇA—A ABOLIÇÃO DA PENA DE MORTE

Voltou de novo á Camara a eterna questão da pena de morte, mas d'esta vez é de crer e de esperar que a resolvam definitivamente.

Pela minha parte declaro dar pouca importancia a este simulacro de discussão seria, que dura, ha duas semanas, no chamado templo da representação nacional ou, se preferem, no paço das leis. Eu talvez podesse comprehender semelhante discussão—e assim mesmo—na Camara de outros paizes menos adelantados e com historia menos revolucionaria do que a França; mas discutir um assumpto, já resolvido logica e radicalmente em outras nações mais atrazadas, n'uma nação que tantas vezes tem proclamado intangiveis os Direitos do Homem, um dos quaes é o direito á inviolabilidade da vida, é deveras para provocar o riso embora se trate d'uma questão tão solemne e grave.

Tenho assistido varias vezes a essas discussões e saio de lá sempre envergonhado. Como dizia eu comigo mesmo, será possível que a França, esta França que sempre tem querido andar á frente da civilização mundial; esta França que tantos genios tem dado á humanidade e espalhado por todos os paizes o saber dos seus philosophos tinha chegado ao ponto de se ver obrigado, por um panico incomprehensivel da multidão ignorante a discutir o que todas as pessoas sensatas e medianamente cultas trazem escripto, como verdade trivial, no fundo da consciencia.

E' realmente triste que haja quem, em pleno Parlamento francez, pretenda demonstrar, por exemplo que, o manter a pena de morte no Codigo é uma nessecidade, fundando-se com dois factos cuja falsidade foi em todos os tempos notoriamente comprovada. Não. A execução d'um rei não é moral nem exemplar. Os proprios paizes que ainda conservam a pena de morte nos seus costumes (podem-se contar) entendem que é muito immoral esse modo de exercer a vindicta publica, em nome da sociedade e das leis, pois todos tem deixado de tornar publicas as execuções capitaes. Effectuam-se no pateo da prisão, tendo unicamente o direito de assistir como testemunhas, alguns magistrados. Em summa, as execuções fazem-se quasi ás escondidas. E porque, sendo o acto moral e justo? E porque ha de ser despresado e odiado o carrasco que, afinal, não é mais do que o instrumento e o representante da sociedade que castiga n'aquella hora suprema? Bem vêem que tudo isso é uma prova certa da immoralidade da pena de morte.

Não fallemos no pretendido exemplo. Causa verdadeira lastima o vêr de que maneira se perde o tempo, discutindo coisas tão sabidas na epoca a que chegamos. O que rezam, a este respeito, as estatísticas em França e nos outros paizes não pode ser mais edificante. São menos os crimes nas terras em que foi abolida a pena de morte. Pelo que se refere á França, o antigo capellão da prisão da Boquette, para onde iam, ainda ha pouco os réos condemnados á pena ultima, revelou—por confidencias dos proprios criminosos—que 80 por 100 d'estes tinham assistido a diferentes execuções.

De bom exemplo lhes tinha servido, pois pouco tempo depois ca hia-lhes a propria cabeça debaixo do ferro da horrivel guilhotina!

Ignoro qual será o resultado final da ridicula discussão no Parlamento francez. Pelo bom renome d'este paiz que, apesar das suas fraquezas, pode ainda levar com mão firme o facho da civilização no mundo, quero e devo suppor que a sã razão e a ideia sagrada da justiça hão de conseguir triumphar d'aquelles que, por aberração do espirito ou talvez por se não atreverem a contrariar a corrente de opinião d'uma grande parte dos eleitores, não recebem entregar este paiz da revolução e do bom senso a um Jury de decadencia e de ridiculo.

Homens tem havido, como Labori—o notavel advogado defensor de Dreyfus, condemnado innocente—que levantaram a voz no tribunal, essa voz que tantos réos salvou da guilhotina, pedindo com gestos grotescamente dramaticos que conservassem a pena de morte, contra a qual chamam dezenas de innocentes ou de irresponsaveis que a sociedade, mercê do espirito vingativo das suas leis, enviou friamente para o patibulo. Em troca Deschanel, republicano conservado, homem muito culto, ex-presidente da Camara apresentou o grande argumento que deve estar na consciencia de todos:—mais vale a vida d'um innocente salvo das garras do verdugo que a de centenas de criminosos para os quaes a guilhotina podera ser um acto de verdadeira justiça.

Paris, 1908.

Darwin.

CHRONICAS AGRICOLAS

Um nosso pesado amigo e distincto algarvio, inicia hoje n'este jornal, com o *loup* de uma simples inicial, *F.*, uma serie de chronicas agricolas que certamente hão de agradar aos nossos leitores, muito especialmente aquellas a quem verdadeiramente interessam as cousas da vida agricola.

Não podendo nós, por motivos faceis de suppor, tirar ao chronista o mysterioso *loup* com que modestamente se encoberta, limitamo-nos a afirmar aos nossos leitores que os predicados de intelligencia, criterio e estudo do seu auctor são garantia segura de excellencia das chronicas.

Posse da Camara de Castro Marim

Na penultima segunda feira realizou-se em Castro Marim a posse da nova camara municipal, acto que decorreu festiva e entusiasticamente e que teve um alto significado politico, tanto pelo que respeita ás homenagens prestadas ao deputado sr. dr. José Teixeira d'Azevedo e partido regenerador, como pela confiança e consideração manifestada pela população da villa e de quasi todo o concelho aos illustres o prestigiosos membros da nova vereação.

Começaram os festejos da posse pelo seguinte:

Na estação de Castro Marim ao comboio correio era o dr. José Teixeira d'Azevedo esperado pelos seguintes amigos:

Jacinto Celorico Drago, Jacinto Celorico Palma, Amandio Pires Franco, Nicolau Paulo da Silva, Antonio Henriques de Sousa, José Xavier Cavaco, José Francisco Rodrigues Mil-homens, Antonio Joaquim Madeira S. e Manoel Quintino Nogueira

da Silva. A chegada aquella villa foi servido em casa do nosso amigo Amandio Pires Franco um delicioso copo d'agua, onde foram levantados entusiasticos brindes ao partido regenerador, Julio de Vilhena, Teixeira de Sousa e dr. José d'Azevedo.

A's 11 horas prefixas deu entrada na villa a musica Nova de Villa Real, percorrendo as ruas e sendo acompanhada por uma enorme massa de povo que aclamava o partido regenerador.

Pelas 12 horas teve logar a posse da nova camara, a que assistiram todos os vultos proeminentes do partido regenerador do concelho, tomando a presidencia o nosso querido amigo Jacinto Emygdio Celorico Drago, que usando da palavra, fez um brilhante discurso, que terminou com vivas á familia real, partido regenerador e deputado José d'Azevedo. Seguidamente a nova camara levantou a sessão, e á saída foram lançadas por formosas e gentis senhoras grande quantidade de flores sobre o deputado José d'Azevedo e nova camara, pondo-se seguidamente o cortejo em marcha, percorrendo as ruas da villa, juntamente com a nova vereação e deputado José d'Azevedo.

A's 5 horas da tarde, foi servido em casa do nosso amigo dr. Philippe Celorico Drago, um opipare jantar, a que assistiram os seguintes membros do partido regenerador:

José Nogueira da Silva, José Gil Madeira, João Celorico Drago Flores, Jacinto Celorico Drago, Antonio Joaquim Madeira Senior, José Xavier Cavaco, Antonio Pedro d'Aragão Lamim, padre Manoel da Silva Ramos, Godofredo do Carmo Barreira, Nicolau Paulo da Silva, Antonio Henriques de Sousa, Manoel Quintino Nogueira da Silva, José Francisco Rodrigues Mil-homens, Amandio Pires Franco, Simplicio Vaz Palma, Antonio Celorico Drago, Domingos Antonio Rosa, Matheus Marques Teixeira d'Azevedo, Rodrigo Ferreira Aboim e dr. José Teixeira d'Azevedo, sendo durante o jantar levantados mimosos vivas ao partido regenerador, dr. Jose d'Azevedo, deputado Ortigão, Ferreira Netto, Teixeira de Sousa, etc., etc; usando da palavra os seguintes cavalheiros:

Dr. Philippe Drago, padre Manoel da Silva Ramos, Domingos Antonio Rosa, Amandio Pires Franco e José Francisco Mil-homens. O dr. Jose de Azevedo tambem fallou por espaço de meia hora, afirmando a sua sympathia pelos regeneradores de Castro Marim e finalmente usou da palavra o nosso amigo João Celorico Drago Flores, que disse sentir-se bem no seio do partido regenerador.

Na terça feira foi o dr. José d'Azevedo acompanhado a Villa Real por muitos amigos.

FESTA DA CONCEIÇÃO

E' depois d'amanhã, terça-feira o dia de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do reino. Quando o dia é bom muitos dos nossos patrios o aproveitam para passeio até á freguezia da Conceição, d'este concelho, onde ordinariamente se festeja aquella dia.

Este anno ha no dia 8, alem dos comboios ordinarios, tres comboios especiaes para aquella estação que partem de Tavira: o 1.º, ás 3 horas, e 6; o 2.º, ás 3 horas, e 50 e o 3.º, ás 10, e 45 da noite. Voltam da Conceição: o 1.º, ás 3 horas e 30; o 2.º, ás 10 e 20 da noite, o 3.º, ás 11, e 20 da noite.

Ha bilhetes a preços reduzidos para aquella estação e que podem ser á ida nos dias 7 e 8 e á volta até ao dia 9.

CHRONICA AGRICOLA

Sciencia e rotina

E' facto observado que ainda hoje se discute sobre o antagonismo entre a sciencia e a rotina. A sciencia ás vezes por alguns dos seus mais ardentes corypheus desdenha solememente dos processos da rotina, e a rotina tambem por vezes patetamente encara com desconfiança a sciencia a cujos cultores chama os theoreticos. Isto d'uma maneira geral em todos os ramos da actividade scientifica.

Pelo que em especial diz respeito á agricultura o caso torna-se mais palpitante, naturalmente por abrandarem especialmente os corypheus da rotina. E' preciso estudarmos este facto, e vermos o que é a sciencia, o que é a rotina, e o que ha de razoavel entre estas duas entidades.

Vejamos primeiramente em que consiste a sciencia e depois em que consiste a rotina.

A sciencia, fructo do raciocinio e da observação dos factos, é uma das formas de conhecimento, e distingue-se do conhecimento vulgar em que ordena as coisas, classificando-as. A sciencia tambem teve a sua infancia, quando começou a soletrar no grande e maravilhoso livro da natureza. Os seus primeiros cultores denominaram-se os antigos *physicos*, e procuraram classificar os diferentes elementos do universo: agua, ar, terra e fogo. Ao que parece as sciencias deviam ter começado apenas por classificações e descripções; mais tarde estes acanhados horizontes foram ultrapassados, e os phenomenos observados levaram os homens á descoberta da formação das leis que regem estes phenomenos, e que são portanto fructo da observação e da experiencia.

No principio os homens explicavam os factos por meio de causas analogas a vontades. Ainda na Edade-Média se ensinava que a natureza tem horror ao vacuo; todavia os sabios da Renascença, como Kepler, Copernico, Gassen-di e principalmente Descartes começaram a explicar os factos pelas leis naturaes.

Atraz ficou dito que as leis da sciencia são fructos da observação e da experienvia. Ora a rotina, sendo propriamente uma habilidade adquirida pelo habito irreflectido de proceder sempre pela mesma forma, é tambem na realidade fructo da observação e da experiencia, comquanto demorada e superficialissima. Por isto já vemos que a sciencia e rotina se irmanam, e que por este facto é caso para começarem a estimar-se como irmãos, e não a detestarem-se como inimigas.

Se a sciencia, fructo da elaboração intellectual dos espiritos mais privilegiados tem sido sobremaneira util á humanidade, tambem não é para desprezar o trabalho da rotina, porque é preciso que nos convençamos de que os *rotineiros* tambem são homens, e que se não são illustrados, pode muito bem acontecer que sejam intelligentes e algumas vezes bem intelligentes, e que n'estas circumstancias a sua maneira de proceder pode ser muitas vezes aproveitavel, tanto mais se considerarmos que na maior parte das vezes a sua intelligencia desabrochou no seu campo que elle primeiro viu quando nasceu, o qual elle continua a observar por toda a sua vida, quasi não pensando n'outro assumpto que não

seja aquelle em que os seus proge-nitores já se occuparam quasi exclusivamente. N'estas condições a opinião d'esses homens, *os da rotina*, é digna de ser tomada em consideração.

E' preciso pôr de parte pretensas infabilidades scientificas e não exagerar demasiadamente as afirmações da sciencia. Esta pobre razão humana, que alguns philosophos modernos pretendem tolamentamente endeusar, é algumas vezes um catavento que varia conforme os tempos e tambem segundo os logares, afirmando hoje o que hontem negou, para tornar a negar hoje o que hontem afirmou, bem como afirmando no norte o que ao sul é negado e negando ao oriente o que é affirmado no occidente.

Convem que sejamos essencialmente experimentaes, examinando praticamente o resultado das afirmações scientificas, e aguardando que a experiencia nos faça a confirmação das afirmações da sciencia. E' por outras palavras ver realisada praticamente aquella alliança atraz preconizada entre a sciencia e a rotina.

O progresso em agricultura para ser proveitoso deve ser lento, cauteloso e seguro, verificando se primeiro experimentalmente, antes de nos abalancarmos á adopção em grande, a não ser nos casos axiomaticos, em que não deve haver receio d'uma immediata e desenvolvida adopção.

Em certos casos o progresso em agricultura deve ter a prudencia e previdencia da formiga que conserva os seus celloiros sempre abundantemente providos.

O progresso necessariamente ha-de impulsionar a rotina no seu caminho; e, se este não lhe obedecer, perecerá irremediavelmente.

A sciencia, antes de dar as suas ordens ao progresso, deve examinar cuidadosamente a rotina no seu movimento de vae-vem atravez dos seculos, tratá-la bem, e até, permita-se a expressão, ir de braço dado com ella por esses campos fóra n'um dia de primavera desde o romper da madrugada até ao pôr do sol. N'este passeio a rotina, com a experiencia do que é velho, dará certamente alguns prudentes conselhos á sciencia e moderar-lhe-á o seu entusiasmo proveniente da verdura dos annos.

A sciencia, antes de pronunciar a ultima palavra, deverá conferenciar com a Economia, porque esta tem a palavra em todas as transformações que se pretenda introduzir em qualquer ramo da agricultura, por isso que esta deve ser essencialmente evolucionista, e pôr de parte ideias revolucionarias que lhe podem ser fataes.

Atraz ficou dito que as leis economicas das actuaes sociedades podem entravar a marcha do progresso; e assim é, pois que ha processos que, sendo scientificamente applicaveis, não são economicamente. Estão n'este caso muitos tratamentos de doenças vegetaes.

A resultante porém, mesmo tomado na devida conta o coefficiente da correcção economica, é necessariamente um movimento progressivo, e é precisamente este movimento que se nota nas nações mais civilizadas, na vanguarda das quaes se destaca a grande e livre nação americana, os Estados Unidos da America do Norte, onde a agricultura com o auxilio de diferentes sciencias tem feito progressos espantosos. O nosso paiz não pode fazer excepção á regra, porque esta é das taes regras que não ad-

mittem excepções. Os que não acompanharem esta lucta perecerão irremediavelmente, porque o que está estacionario está morto, porque sem movimento não pode haver vida. E ai d'aquelles que assim o não pensem, porque as taes leis economicas leval-o-ão à perdição, se elle pelo menos não se resolver a imitar os agricultores mais esclarecidos e progressivos. O agricultor que quizer estar a par do hodierno movimento agricola mundial não pode deixar de ler qualquer boa revista da especialidade.

Esta chronica já vae longa, como longas são estas noites de inverno, mas assim como a noite proporciona tempo para escrever compridas chronicas, tambem é de esperar que proporcione ao benevolo, paciente e illustrado leitor o tempo necessario para a ler, e, se quizer, para commentar.

Por hoje basta e meus illustres leitores: *good night*.

F.

ECHOS

O nosso collega *Guadiana*, órgão dos maus conselheiros do sr. Frederico Ramires, em vez de empregar o tempo na reza dos responsos devidos ao baluarte progressista da sua região, que feneceu ás primeiras folhas cahidas d'este outomno, entretém-se a debicar sobre o partido regenerador e a procurar dissensões entre varios elementos d'esse partido. N'esse sentido prospéga-nos no seu penultimo numero uma lenga-lenga sobre cousas do partido regenerador e onde se descortina o proposito de fazer convencer que o deputado sr. dr. José Teixeira d'Azevedo, por ser teixeirista, não reconhece a chefia do sr. Julio de Vilhena.

Ora do facto d'aquelle deputado ser teixeirista não se conclue que não reconheça a chefia do sr. Julio de Vilhena. O sr. dr. José Teixeira de Azevedo foi um dos deputados que elegeram chefe do partido aquelle estadista e até hoje ainda não praticou um unico acto que dêse a quem quer que seja o direito de afirmar que não reconhece tal chefia. É aquelle deputado, certamente, amigo muito particular do sr. conselheiro Teixeira de Sousa e d'ahi lhe vem a sua designação de teixeirista, mas isso nada tem com a chefia do partido que está, mesmo para o proprio sr. Teixeira de Sousa, na pessoa do sr. Julio de Vilhena.

Damos estas estas explicações em homenagem á verdade e não porque reconhecemos no collega o direito de se intrometer na vida intima do partido regenerador.

Ainda o *Guadiana*, para mostrar o quilate dos maus conselheiros que constituem a sua redacção, não se evitou a trazer para a discussão jornalística uma conversa particular do sr. dr. Filipe Celorico em Monte Gordo e que diz ser desfavoravel ao dr. Teixeira d'Azevedo, pondo-a em confronto com posteriores manifestações de sympathia d'aquelle influente politico de Castro Marim ao mesmo dr. Teixeira d'Azevedo.

Sem quereremos hoje discutir essa divergencia de opinião que o *Guadiana* diz ver no sr. dr. Filipe, apenas diremos que se algum jornal ha com actoridade para discutir e commentar divergencias de opinião não é, precisamente, o *Guadiana*, que tem feito d'essas divergencias um verdadeiro programma de vida, censurando hoje o que elogia amanhã e vice-versa, conforme calha á oportunidade.

Ora vá lá um exemplo: o *Guadiana* todo se desfaz presentemente em cortezias politicas ao nosso respeitavel amigo sr. Ferreira Netto, a quem presta as justas homenagens de grande influente politico. Pois quer o collega que lhe transcrevamos aqui as suas antigas—antigas de ha dois annos—opinões sobre o mesmo sr. Ferreira Netto?

Não se assuste o *Guadiana*, que não vamos transcrever as referencias sobre a vida intima do sr. Netto; essas transcripções nunca poderão ser feitas no *Heraldo* que se préza de ser um jornal serio. Refirimo-nos apenas ás suas opinões

sobre a personalidade politica do sr. Netto. onde ha de sóbra para provarmos que o *Guadiana* tanto dóbra como repica, conforme calha, e que por isso não tem actoridade para commentar divergencias de opinião.

Vamos, collega: quer a transcripção das suas diversas opinões sobre o sr. Ferreira Netto?

Ludovico de Menezes, um dos mais delicados lapidadores da prosa portugueza, publicou esta semana no *Dia* um excerpto do seu novo livro em preparação que se destina, certamente, não a um exito de livreria, porque isso é apenas dado aos imbecis romancistas exploradores da parvoice publica, mas á confirmação exuberante do estro artistico do auctor do *Paiz do Sol* que attingiu, na prosa, uma indiscutivel reputação de artista perfeito.

Recommendamos aos nossos leitores a leitura d'esse excerpto, *O Algarve*, joia preciosa de um livro que promete ser um legitimo escripto litterario.

Pela aditoria de Faro foi antehontem validada a eleição da Villa Real.

O adversario do correspondente de *Havas* é o sr. Heitor Ramos, que diz manter a sua opinião sobre a nossa má fé politica, de que se offerece para nos passar o certificado, mas que, á cautella, não quer as nossas prometidas provas sobre se os republicanos foram ou não auxiliados pelos progressistas nas ultimas eleições.

Ora sobre certificados de bom ou máu comportamento politico, não achamos no sr. Heitor Ramos competencia nem auctoridade para os passar e por isso fazemos-lhe á promessa do seu certificado os mesmos ouvidos de mercador que o sr. Ramos tem feito ás nossas promessas de prova precisa sobre se os republicanos foram ou não auxiliados pelos progressistas; sem prejuizo, é claro, de que o sr. Ramos registre qualquer acto menos digno da nossa vida politica.

Mas o sr. Ramos pode ou quer lá registrar isso! O que elle quer e precisa é que lhe acalmem os nervos e isso não se faz com esta discussão que já tinhamos acabado se soubessemos que se tratava do sr. Ramos. Sr. Heitor: *brométos, brométos...*

JACINTHO PARREIRA

Encontra-se desde hontem n'esta cidade o nosso presado amigo e illustre jornalista algarvio sr. Jacintho da Cunha Parreira.

DR. CANDIDO DE SOUSA

Chegou a Faro e já tomou posse do seu logar de alferes medico do 3.º batalhão de infantaria 4.º o nosso muito estimavel amigo e distinctissimo clinico sr. dr. Candido Emílio de Sousa.

Nacional e Real Hospital do Espirito Santo de Tavira

Movimento geral dos doentes durante o mez de novembro de 1908.

Total	34	45	49	18	2	20	29
Mulheres	19	6	25	10	1	11	14
Homens	15	9	24	8	1	9	15
Existencia em 1 de novembro.							
Entraram durante o mez.							
Somma							
Sahiram curados							
Falleceram							
Total							
Existencia para dezembro							

Aprendizes de typographia

Acceitam-se na *Typographia Burocratica*, Tavira.

O CASO DA SEMANA

DILUVIO EM TAVIRA

Na tarde de segunda feira os habitantes d'esta cidade tiveram a unica e extranha impressão do diluvio, e talvez mais de que do diluvio—do cahos! O dia amanheceu tal como era: um verdadeiro dia d'outomno. Manhã brumosa, ceu plumbeo, tempo agréste, mas sem grandes indicios de rapido temporal despeito até começo da tarde. Perto das duas horas é que o ceu se tornou mais escuro, fazendo uma terrivel carantónha de mau tempo; e, pouco depois, rasgava a tela escura do horisonte a luz deslumbradora dos relampagos. Começaram de ouvir se ao longe os primeiros trovões, em marcha para nós, e dentro de uma hora a trovoadá estava como que eminente na cidade, assustando mesmo os mais affeitos a essa arcestração tragica da natureza.

Mas como se isso não bastasse, de envolta com o ribombar secco e intenso da trovoadá que pairava sobre as nossas cabeças, eis, que surge a queda impetuosa e diluviana d'uma batega de granizo que durante 20 minutos consecutivos fustigou a terra com uma força e uma impetuosidade indscriptiveis.

N'um lar de amigo nosso o dono da casa, velho marinheiro acostumado ás mais caprichosas e deste midas bravuras dos elementos, empallideceu ante a furia indomavel d'aquella batega rija e pendendo a magestade de velho lobo do mar, disse succumbido aos filhos que o interrogavam:

— Tenho 64 annos e uma vida no mar, cheia de luctas e perigos. Nunca vi uma cousa assim. Se dura meia hora esta chuva, não ha telhados que resistam.

Durou apenas 20 minutos, tempo sufficientes para que a agua cahida na terra fosse tanta que lhe não bastassem para leito da sua corrente os rios, ribeiros e regatos que sulcam a terra em mil pontos diversas. A agua foi de uma abundancia avassaladora: arrancou arvoredos, destruiu muros, rasgou terras, inundou campos e casas; emfim, deixou na sua passagem um rastro lugubre de destroços, de ruina e de miseria.

Na cidade inundaram-se quasi todas as ruas da parte baixa da cidade, entrando a agua n'algumas casas particulares e estabelecimentos publicos; mas os sitios que mais soffreram a inundação foi o largo do Cano e a Porta Nova. No largo do Cano uma das casas mais prejudicadas foi a do lagar do sr. Joaquim Palmeira onde se inutilizou quasi todo o azeite que lá havia. Na Porta Nova a agua depois de derrubar tres muros fortes que se seguiam uns aos outros, veio entrar de jacto na casa de residencia do sr. major Dias, apanhando de surpresa a asposa, filha, e creada do referido official que correram para a rua, já quasi dominadas pela força da corrente. Va leu-lhes o Bruno, conhecido e destemido rapaz maritimo, que estando no estabelecimento do sr. João Pescada, fronteiro á casa inundada, depressa se atirou á agua que mesmo na rua attingia perigosa altura, e d'ella tirou aquella senhora e sua filha e creada, pondo-as no referido estabelecimento. Depois, como lhe dissessem que o major Dias tambem estava em casa, correu lá, não sem perigo de ser arrastado pela corrente e encontrou-o depois de varias pesquisas n'uma dispensa d'onde não podera sahir posque a agua lhe fechára a porta. Foi salvo a custo, pelo Bruno.

N'esta casa as perdas foram importantes. Moveis e roupas, tudo ficou inutilisado. O dia immediato não chegou para que de lá se extrahisse toda a agua e enxurro que ali tinha ldo parar.

No campo tambem houve grandes estragos. Em todas as estradas e caminhos se vêem muros cahidos e a uma grande parte das terras a agua roubou o estreme e a semente já lançada.

Na linha ferrea houve varios destroços e por providente aviso dos

guardas rondistas escapou o comboio correio d'essa tarde, que partira de Villa Real para Lisboa ás 4.45, de soffrer grande avaria. Teve ainda assim de demorar 8 horas na Conceição, á espera que se reparasse a linha. Entre Nóra e Cella a agua rompeu um aterro, perto d'um pontão, e por isso n'esse dia, até á tarde, o serviço de comboios foi só feito até á Nóra.

Perto de Santa Ritta uma rapariga de 21 annos foi levada na corrente, morrendo afogada. Aos pés da Serra morreu um rapaz fulminado.

Enfim, este anno que se entremostrava esperançoso feliz, já deu este primeiro contratempo aos agricultores que parecem estar amaldiçoados da Natureza. Ou annos de secca... ou o diluvio.

Conselheiro João José da Silva

A proposito de se ter dado recentemente o nome do sr. conselheiro João José da Silva a uma rua da sua pequena aldeia natal, Moncarapacho, um jornal d'esta provincia, em correspondencia d'aquella aldeia, refere algumas notas biographicas d'aquelle illustre algarvio e que, talvez por serem succintamente escriptas, não são a rigorosa expressão da verdade.

Com muito prazer nos associamos á homenagem prestada em Moncarapacho áquelle distincto e considerado homem publico, publicando-lhe o simples esquisso da sua verdadeira e honrada biographia.

O conselheiro João José da Silva fez no lyceu de Faro os seus preparatorios, que depois repetiu, em uma só epoca, em lyceu de primeira classe.

Fez o curso de theologia no seminario de Faro, obtendo os primeiros premios.

Frequentou e concluiu o curso superior de letras em Lisboa.

Foi estudante classificado na Universidade de Coimbra, onde se formou em direito em 1878.

Exerceu os seguintes cargos publicos: professor de instrução primaria em Moncarapacho em 1858, professor e director da antiga escola de Marvilla, delegado do procurador da corôa e fazenda em Cabo Verde, procurador da corôa e fazenda em Angola, Juiz de direito em Macau, presidente da Relação de Loanda e presidente da Relação de Gaz, no Estado da India. E' juiz da Relação de Lisboa ha doze annos e vogal da Junta Consultiva do ultramar.

Serve actualmente o cargo de auditor do Tribunal Superior do contencioso fiscal.

Tem publicado varias obras sobre direito ultramarino, com feliz resultado de venda.

Nunca precisou de auxilio, nem de protecção de *ninguem*, nem accitaria adjustorio de pessôas extranhas á sua familia.

Marchou sempre por *caminhos direitos*, encostado ao bordão do trabalho e dos conhecimentos adquiridos pelo estudo.

Escusado será dizer que a par d'esta conducta moral revellou sempre, em todos os cargos que desempenhou e desempenha, uma lucida intelligencia e um grande coração.

Por falta de espaço ficam para o proximo numero os seguintes artigos: *Livros Novos*, de Raul Proença; *A Rosa Branca*, filigrana litteraria, de Lyster Franco; *Desembro*, de Justino de Mont'Alvão; *O Nosso Algarve*, varios echos, correspondencias de Faro, Portimão e Villa Real, noticias e annuncios.

A CAÇA

E' sem duvida um dos numeros mais interessantes d'esta publicação aquelle que esta em distribuição e inoere primorosos artigos sobre a caçada do Gerez, sobre a origem do cão, etc.; asompanhado de excellentes curiosas gravuras. Lembramos aos amadores que *A Caça* se occupa de todos os generos de sport e acceita a collaboração artistica e litteraria.

NOTICIAS PESSOAES

- Fazem annos :
 - Hoje, 6—D. Elisa Lobo de Abreu, Antonio dos Santos Fonseca, João da Costa Simplicio, José Pedro de Lima.
 - Segunda, 7—D. Theodolina Figueiredo, Domingos Guimarães.
 - Terça, 8—D. Maria da Conceição Alves.
 - Quarta, 9—D. Maria das Dores Pires Soares Aguiar, João dos Santos Pires Viegas, Manoel Ferreira Pessôa Aboim.
 - Quinta, 10—Dr. Agostinho Lucio da Silva.
 - Sexta, 11—D. Maria da Conceição Avellar, José Joaquim Parreira Faria.
 - Sabado, 12—D. Joaquina Aboim Azevedo Coutinho, general Militão José de Sousa Coêlho.

Na quinta feira regresou de Lisboa o sr. commandador João Possidonio Guerreiro.

Na igreja de S. Thiago realisou-se hontem o consorcio da sr.ª D. Ilda Campos, filha gentil do sr. coronel Vasco Campos, com o sr. Jayme Pires Cansado, brioso alferes d'infanteria 4.ª A noiva trajava uma elegante toilette de seda branca, sendo caudataria a interessante filhinha do sr. dr. Silvestre Falcão, e foi acompanhada á igreja por sua tia D. Maria José Contreiras d'Almeida. Foram testemunhas os paes dos noivos.

Damos no proximo numero os nomes das senhoras e cavalheiros que assistiram á cerimonia e a relação das valiosas prendas que adornavam a «corbeille» nupcial

Partiu hontem para Lisboa o sr. Matheus Marques Teixeira d'Azevedo.

A PROVA
72 Rua Rocha Pereira, Villa Nova de Gaya, 16 de Junho de 1907.

“A Emulsão de SCOTT é um preparado que todos os paes devem dar aos seus filhos, porque meu filho José Ramos, de 2½ annos de idade, tomou muitos medicamentos para creanças

rachiticas

mas nunca lhe notei melhoras. Lembrei-me dar-lhe a Emulsão de SCOTT, e o seu desenvolvimento foi tão rapido, que hoje está bom, tem umas lindas côres, come bem e está gordo, devido á Emulsão de SCOTT.



João Pinto Ramos.

A RAZÃO

Quanto ao facto—isto é, a rapida cura de rachitismo n'este rapazito pela Emulsão de SCOTT—não pode haver duvida, porque seu proprio pae o attesta. Só resta explicar a razão porque, de todas as emulsões, só a

EMULSÃO DE

SCOTT

o conseguiu. Simplesmente porque nenhuma outra emulsão contém os mesmos ingredientes finos e dadores de energia manufacturados pelo indispudado processo SCOTT, e portanto nenhuma outra emulsão pode curar o rachitismo como a de SCOTT o faz. Os paes podem assegurar-se da cura dos seus filhinhos verificando que cada envolvero traz o “peixeiro” de SCOTT.

NOTA: Apesar do imposto de Sello de 50 reis por cada frasco, todos as Pharmacias e Drogarias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços attesta, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande.

AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtém-se dos Srs. James Cassell & Cia., Succos, Rua do Mousinho da Silveira, 85, 1.ª, Porto.



Exigir sempre a Emulsão com esta marca—o homem do peixe—que significa o processo SCOTT.

CORONEL MARINHO

Por fallecimento de uma sua extremecida irmã encontra-se de luto o sr. coronel Francisco dos Anjos Marinho, commandante de infantaria 4.ª

PROVANDO

Sr. Redactor

Em Portugal e no estrangeiro, sem exclusão da sabia Allemanha, antes da publicação da *Arte de Lettura* de João de Deus, era desconhecida a distincção syllabica nos livros por que se fazia o ensino da leitura inicial da lingua materna. Publicada, porém, a *Cartilha Maternal* em que a distincção se faz pelo typo liso e lavrado, respectivamente preto e cinzento, raro é deparar-se nos Cartilha em que se não veja utilizado aquelle artificio engenhoso, devido *exclusivamente* ao nosso illustre patricio que d'elle se valeu para, sem quebra da unidade da palavra, que reputava sagrada, tornar tal ideia accessivel ás creanças.

Assim, abrindo ao acaso a *Cartilha Popular*, reconhece-se, á simples vista, que o sr. João Rodrigues Aragão, não pode libertar-se do poder fascinador que sobre elle exerceu a *Cartilha Maternal*.

E, o que é mais, no processo que usou, nota-se apenas uma differença do de João de Deus e vem a ser que o parallelismo em vez de horizontal é vertical.

Com effeito, para conseguir a distincção syllabica, João de Deus lembrou-se de mandar fundir typo lavrado de linhas parallelas horizontaes que offerecesse á tinta menor superficie.

O sr. João Rodrigues Aragão, que me dizem ter consultado sobre o assumpto um professor de desenho, obteve d'este a impossibilidade de conseguir o mesmo fim por outro processo e por isso valeu-se d'aquelle com a simples differença de que o typo que recebe *menos tinta*, de altura igual ao outro, é muito delgado e, em relação ao mais cheio, apresenta egualmente parallelas, mas verticaes. João de Deus valeu-se do cinzento que é um tom de côr preta e o sr. Aragão empregou egualmente um tom da mesma côr, embora mais carregado. Conclue-se, portanto, que o sr. Aragão, fascinado pela *Cartilha Maternal* «astro deslumbrante de luz (ha mais alguma coisa que deslumbre a não ser a luz?) em torno do qual todos os outros gravitam como satélites», *G da Cartilha Popular*, pag. IV, linhas 1, 2, 3 e 4 foi-se utilizando, em virtude da lei do menor esforço, (*G da Cartilha Popular*, pag. V) d'aquella exclusiva propriedade da *Cartilha Maternal*.

E, aqui está como João de Deus tem mais herdeiro. Procedendo assim, depois de condemnar a distincção syllabica (como fez na sua conferencia de Távira) bem se conclue que longe de ficar deslumbrando, o sr. Aragão ficou com os olhos mais abertos e até fixos n'um ponto bem interessante e conveniente. Já se vê, em virtude da tal lei do menor esforço.

Creio, pois, ter demonstrado que a distincção syllabica da *Cartilha Popular* é de João de Deus. Claro está que não espero que o sr. Aragão se convença, pela simples razão de que elle não quer passar por esse estado. Prefere conservar-se aragonizado.

A estas coisas, chama elle *ratiões*. Serão, mas parece-me ouvir o bom leitor dar-lhe outro nome cuja euphonia só differe d'aquelle em ter interposta á radical e terminação a voz que entra na palavra: *som*. Ora eu, se um dia me mettesse a fazer uma Cartilha e me utilisasse do processo lavrado, que iria approximando do preto, á medida que o alumno se desenvolvesse, isto até que o tom morresse na respectiva côr, teria mais desculpa que o sr. Aragão e no entanto o meu procedimento seria censuravel. Demais, ha um processo que me não repugna ver adoptado e que muito me admira não tenha sido previsto pelos cartilheiros: fazer a distincção por espaços intersyllabares que fossem diminuindo até desaparecer, consoante o alumno progredisse.

Antes de provar mais parentesco entre a *Cartilha Maternal* e a *Cartilha Popular*, premita-me sr. redactor, que lance a sonda para verificar a cultura de espirito que

n'esta obra revela o sr. Aragão. Oicaml-o a pag. V do Guia da Cartilha Popular: «... Habilita a creança a gravar facilmente na memoria as imagens graphicas e auditivas da lição que vem de ler». Pondo de parte esta linguagem propria de quem pretende vender o seu elixir, e não fallando já em modestia, pergunto a quem me lê se sabe o que são *imagens auditivas*...

Desça a sonda á pag. VI do referido Guia. «O nosso methodo (hei de mostrar-lhe que se parece tanto com methodo como um ovo com um espeto) não é de solettração nem de syllabação. A palavra lê-se naturalmente, sem leitura prolongada de elementos phoneticos, o que, se não é solettração formal, aproxima-se tanto d'este processo, que bem se poderá assim chamar».

O leitor, por mais attento que esteja, não é capaz de achar nexo entre: «O nosso methodo não é de solettração... «a palavra lê-se naturalmente... «mas bem poderia chamar-se de solettração».

Como estas, podia eu fazer muitas citações que me conduziram ao mesmo fim, que o leitor bem sabe qual é.

Se, pois, o sr. Aragão afirma que o seu methodo não é de solettração, nem de syllabação e a palavra se lê *naturalmente* (por quem ja sabe, devia acrescentar) então é porque é de *palavração*, isto é, parodia o *Word-method* a que se refere em linhas anteriores e que é muito predilecto dos americanos do norte.

Vejam os que nos diz *Paul Passy* no seu livro — *L'Instrucción primaire dans les Etats Unis* pag. 56, editado em 1883 pela livraria Delgrève, Paris, rua Sonflot.

«La Word-method a pour principe d'enseigner aux enfants á lire, dès le commencement, un certain nombre de mots usuels: (o sublinhado é meu) plus tard on les décompose en leurs éléments. Plus que toute autre, cette methode a besoin de l'enseignement par les yeux intuition natural como diz o sr. Aragão no Guia). Mais adelante: Voici comment s'y prend une institutrice pour apprendre á lire par le word-method. Elle dessine au tableau noir un chat; elle demande aux élèves ce que c'est. A cat, répondent-ils. La maîtresse écrit dessous le mot cat. Elle le prononce et le fait répéter aux élèves. Puis elle leur parle du chat, de sa nature, de ses habitudes; et de temps en temps elle ajoute un ou deux mots etc.

D'isto se conclue que a Cartilha Popular tem de americana o ler-se a palavra naturalmente; mas, como por outro lado não exige que por cima da palavra o professor a symbolise, desenhando, tambem se infere que nada mais a liga ao word-method.

Comtudo, ver-se-á que o processo de leitura é *preparatorio* e que a physiologia da Cartilha Popular é a da Cartilha Maternal, mal comprehendida e pessimamente applicada.

Faro, 24 11 1908.

Antonio da Conceição.

P. S.—A facécia com que fechei o meu primeiro artigo que tem paridade com outro de Camillo á falta de argumentos foi aproveitada por um «constante leitor» que se me affigura original... sem cópia.

NOTA—Copiado por outrem, o meu último artigo traz, no final de um periodo, as palavras—por segmentação—que tencionava eliminar por desnecessarias, o que não fiz devido a descuido. A segmentação do vitello na sua evolução, até a differenciação organica, podia ficar no esquecimento, se bem que o parto—uma verdadeira revolução—não é mais que o último termo d'aquella segmentação.

A. C.

DECLARAÇÃO

Declaro que me desliguei da sociedade d'ensino com o sr. João Xavier de Paiva.

Continuo leccionando todas as disciplinas do curso do liceu, em minha casa, rua da Misericórdia, e preparo para exame alumnos externos.

Faro, de dezembro de 1908.

José Joaquim da Costa Macedo.

GENTE NOVA

Encontro de artistas

O «Pensamento» foi pedir á «Forma» n'um momento em que estava bem disposto, que lhe emprestasse o geito, que lhe apontasse a norma de envolver a «Ideia» no bom gosto, que lhe desse a ideia do Perfeito.

Ella, a Forma, que andava adormecida por a terem de todo já esquecido; sonhava sem saber... a recordar memorias de uma vida, em que ella tinha tido a força e o poder...

Reparando que a tinham acordado estremeceu de espanto; e viu n'um canto alli ao lado, o Pensamento envergonhado.

Ah sim, és tu pois olha que eu julgava que já não existias. Porque me deixas? não sabias onde eu morava?...

Aqui me encontro sempre mas em pazes com o trabalho... por mim já nada valho:— e tu que fazes?

E o Pensamento então sentando-se no chão, por não haver cadeira... Principiou assim d'esta maneira:—

Por mim não ha ninguém que presto já nenhuma admiração.

Nem toda a minha linha e distincção comove alguém. Ora ahí está o que me traz por cá. Lembrou-me ouvir tambem a tua opinião.

Eu sinto-me cansado ou já não tenho cura... ah! mas contigo ao lado, farei melhor figura!

Ora se faço! Vem d'ahi comigo e tu verás então...

Hei de tomar aquelle brilho antigo que tinha sido a tua admiração.

Agora já vestimos de outro modo e tudo está mudado: N'esta questão de luxo não se poupa... tu que tens geito, tratas-me da roupa, e eu hei-de tomar um lindo todo, um ar afiandrado.

A Forma então estremeceu; fitou-o mansamente, e respondeu a medir as palavras, lentamente:—

Eu sei que tu me buscas como amigo mas não posso ir contigo.

Só para não ouvir a «Opinião», sugueto-me a não sabir... e com razão:

Se ás vezes saio á rua com um fatiño leve, o fato da Verdade... nem mesmo se descrevel apontar que ando nua, pedem moralidade.

Se tomo um ar mais serio, um ar que ás vezes é de precisão; um laço a mais, um fato que se estreia... ahí então é que a malidicencia, o improprio, de todo se despeia.

E tu não imaginas! eu ás vezes sinto tanta vontade de sair!... Esta vida isolada não faz bem, irrita-me e nervoso... eu passo mezes a pensar, a pensar, para decidir qual o fato que leve para ninguém ter de se rir.

E penso: este chapéu agrada a tal, o veu tambem... e levo a blusa escura, a saia igual e irei muito bem.

Mas lá vai mais um laço ou uma pluma, mais qualquer coisa em suma, com que espero agradar tudo igualmente... depois já não vou bem; e em vez de eu agradar a toda a gente não agrada a ninguém.

Volto p'ra casa triste e abysmada, jurando mesmo nunca mais sabir; e deito-me a dormir... Por muito tempo já não faço nada.

Mas tu não sejas mandrião não adormeças, e não te esqueças que mereces ainda admiração.

E olha ó meu amigo! se alguém te perguntar porque não vou contigo... que desculpa has-de dar?...

Olha, sim... diz-lhe que eu que eu... (tenho o rir já velho) E tu fia-te n'este meu conselho:— Sé muito honesto, simples, toma tento, Que nada eguala ainda o Pensamento e... adormeceu.

Faro, novembro, 1908.

Mario Ramos.

POLITICA DE LOULÉ

Continuamos hoje a exposição das nossas considerações sobre o ultimo acto eleitoral realizado n'esta villa.

A segunda assembleia d'este concelho, da qual nos occupamos, é localisada na igreja da Misericórdia aos Grillos. N'esta assembleia contavam os partidarios da lista governamental obter maioria; no entanto não tão grande como poderá supôr-se mesmo admittindo como expressão real o resultado que apresentaram. E que assim é vê se, porquanto, tendo votado a gente governamental á sua vontade e uns eleitores apparecido a votar por outros, a lista governamental só alcançou uma maioria de cento e oitenta e dois votos. Mas o resultado d'esta assembleia não pode acceitar-se porque o escrutinio foi... um escrutinio burlo e a votação... foi uma votação viciosa.

Os eleitores da opposição não chegaram todos a votar, porque foram suspensos os trabalhos eleitoraes quando se dispunham em grande parte a faze-lo. Não deve causar estranheza este facto, por isso que elles tinham d'empregar a sua vigilancia na fiscalisação da galopinagem governamental que aproveitando-se da inexperiencia da gente do campo, trocava as listas. Alem d'isto o governo tinha n'esta assembleia á sua disposição uma famosa matilha de caceteiros profissionaes que insultaram, maltrataram e feriram á vontade e á larga. Para notar é tambem a ineptia comprovadissima do sr. presidente da mesa, o qual era completamente dominado pelo representante da auctoridade administrativa. Pois apesar de tudo, incluindo a hypothese de o escrutinio ter sido a expressão da verdade o governo attingiu a culminante altura de 182 votos de maioria.

Que pyramidas influentes! Que poderio politico! Eia, que valôr!

E isto era na assembleia onde esperavam ganhar...

Na constituição da meza houve grande tumulto, porque o representante da auctoridade administrativa não queria dar representação á lista contraria. Debalde se reclamava pelo cumprimento da lei. O representante da auctoridade, surdo a todas as reclamações, respondia com ameaças e dava largas á furiosa matilha.

Mas a opposição conseguiu fazer representar-se á mesa eleitoral.

Procedeu-se depois á votação, notando-se que muitos eleitores do governo se apresentavam a votar mais d'uma vez e por outros eleitores. O systema, que para conseguir esse resultado pozeram em pratica, foi engenhoso. Chamado um nome de eleitor ouvia-se um pressuroso grito de «presente», e logo bradavam da presidencia para d'onde provera o grito: «entregue mesmo d'ahi a lista». E lá vinha a lista de mão em mão a acocejar todas as almas até que lá a sepultavam nas profundezas da urna. A fraude foi descoberta quando, chamado um eleitor, logo duas vóses deram a nota de «presente».

Descido do regente, sem duvida. São muito... *expertos*.

Entretanto a votação ia correndo, sempre com relativo socego e serenidade. De repente, porém, surgiu á porta do local da assembleia, sem qualquer razão justificativa, a força militar armada, que, entrando no templo, logo começou a expulsar os eleitores. A não admittir um manejo occulto do governo, ninguém explica a subita e intempestiva entrada da força, tanto mais que o commandante declarou que não fôra o sr. presidente quem chamava, e este assim o confirmou perante testemunhas fidedignas. Expulsos os eleitores, foram encerrados os trabalhos e a urna guardada pela auctoridade militar. No outro dia não foi, como deveria ser, continuada a votação, e logo procederam ao escrutinio, não consentindo a mesa eleitoral senão um membro da opposição e não os dois como primitivamente fôra constituida.

Sabem a razão d'esta negativa?

E' que assim a fiscalisação era impossivel fazer-se completamente; o escrutinador governamental assentado oppostamente ao representante da lista contraria, havia de ler os nomes que muito bem intendesse, e não os que estavam escriptos na lis-

ta. E nem se pense que teriam embaraços, porquanto a força militar, que estava proximo da porta d'entrada, não deixava os eleitores approximar-se do local da mesa.

Querem melhor?

Um eleitor que foi lá apresentar um protesto, alem de insultos e maus tractos, foi posto na rua pelo commandante da força! Isto não carece de commentarios.

Até a força militar e o seu commandante *elles* envolveram na trama dos seus planos eleiçoeiros!

Tal era o medo da derrota. Assim, pois, muito á sua vontade, finalisaram o acto, reservando para elles a votação dusentas sessenta e duas listas e dando á opposição esmola de oitenta votos!

Era caso para rendidamente, num preito sincerissimo de gratidão, ir beijar os pés do famoso *pachá* que preparou o lance. Decerto. *Noblesse oblige*.

Raul d'Oliveira.

NOTA—As gralhas teem continuado a apparecer. Pedimos desculpa.

R. O.

A «Cartilha Popular» do ex.^{mo} sr.

João Rodrigues Aragão

S. ex.^a persiste em não querer adduzir um unico argumento em favor da sua Cartilha; só propoz para evitar polemicas, uma prova de aptidões profissionaes que a outra coisa não tende a sua habilidosa proposta; *habilidosa* no sentido de escapar-se á defeza da mesma Cartilha.

Eu quero lá saber se tenho, ou se s. ex.^a tem aptidão proficiente? Mas podia dizer a s. ex.^a que já ensinei a ler pela *Cartilha Maternal*, em quinze dias, uma rapariga analfabeta, de dezeseis annos e s. ex.^a era capaz de retorquir-me:

—Fôra mentirosos! A mais esta provavel *amabilidade* de s. ex.^a responder-lhe-ia com provas indiscutíveis.

A ninguém, pois, passará despercebido esse impenetravel mysterio que envolve o silencio pertinaz, declarado, de s. ex.^a, cavalheiro delicado, muito amigo de valorisar o seu trabalho e, a titulo de falta de vagar e paciencia votar ao abandono a sua Cartilha, o methodo mais *perfeito* publicado desde tempos remotos ao presente?... Fez, ha pouco, desabrochar a mais bella flor de todos os methodos e não a querer regar com um pouco da sua luz intellectual!... querer assistir, duro, cruel, mudo e corajoso (triste coragem) á queda lenta de suas folhas, tal qual Malherbes perante as suas rosas queridas!...

E' rude mas é real. Oh! que bem ahí deve ficar este mimo que s. ex.^a me offereceu!

Bem: basta de lamentos.

Agora vou provar a s. ex.^a que podia ter organizado a 1.^a lição começando por monosyllabos, em harmonia com o programma official, sem sair da indole de seu methodo e tudo dentro das regras da methodologia.

Diz o programma de leitura da 1.^a class: «Vogaes, sua denominação, valores e combinações que com ellas se possam fazer.»

Vamos, pois, organizar a 1.^a lição na conformidade d'essa exigencia.

Dialogo entre professor e alumno, mas á vista da 1.^a lição.

Prof.—Quando a gente sae de casa não pode dizer vou á rua, á loja, á missa, etc.?

Alumno.—Sim, senhor.

—Pois cada voz *a* que ouviu repetir, é representada por esta letra que vale *a*. Repita o valor da letra.

O accento suprime-se por simplificação.

—E quando o pisam, o que diz? Se a creança não responde, acrescenta-se:

—Não diz: *ai*, meu pé!

—Sim, senhor.

—Mas para dizer *ai* diz primeiro *a* e a seguir *i*. Ora diga lá devagar.

Conduz-se a dizer.

—Tirando *a*, que fica?

A resposta, se não for satisfatoria, faz-se que o seja.

Recapitulando:
 —Quantas letras já conhece?
 —Duas.
 —Diga, apontando-as.
 —a, i.
 —E como se lêem ali, juntas?
 —ai. (Leitura que o ponteiro acompanhará).

Podem indicar-se expressões familiares em que entre a palavra lida, e depois insiste-se na distinção das vogaes conhecidas.

Segue-se a apresentação d'outros vocabulos, dialogando semelhantemente. Por ex.:

—E quando recebe uma picada, não pode dizer ui?

A resposta será afirmativa e comprehensivel como as precedentes.

—Tirando i, que já conhece, que fica?

Etc., procedendo egualmente com as outras combinações no conhecimento das vogaes, podendo a lição dispor-se assim:

a
 ai ui oi eu ou
 ia eia ala
 ia eu — a ala
 a e i o u

Seis monosyllabos, tres disyllabos e duas phrases de palavras já lidas e os respectivos phonemas vocálicos. São precisas para toda aquella leitura 8 noções e não 15: 5 vogaes, mais 2 valores e, á e a divisão syllabica; mas tudo executado á vista das palavras.

Os dissyllabos, pela sua simplicidade tem leitura facilima.

E' precisa essa inutil prelecção mental preparatoria?

Não é possível o começo por monosyllabos?

E esses termos, principalmente os sete primeiros, não são usados pelas creanças?

Não se acham methodicamente dispostos?

Não estão dentro do programma official?

E não cabem perfeitamente na indole do methodo de s. ex.ª?

E' tão complicado este começo como o da 1.ª lição da Cartilha Popular?

E' ou não verdade que s. ex.ª foi infeliz na escolha dos vocabulos *papá mamã* para começo da 1.ª lição da sua Cartilha?

Está provado que sim.

Do proximo numero em deante vae isto menos aborrecedor. Apresentarei scenas interessantes fornecidas por uma revista geral ao methodo de s. ex.ª; uma especie de de fita animatographica, rota aqui, ali, acolá, etc. e tal, cujos remendos offereço a s. ex.ª, embora não os queira aproveitar; mas são offerecidos de boamente, como todos os outros já offerecidos.

Até o numero proximo.

Luz de Tavira 23/11/908.
 Raymundo José Lagoas.

PROVINCIA

Lagôa

Sabbado, 28 de novembro passado pelas 4 horas da tarde, realisou-se nesta villa o casamento da sr.ª D. Rosa Grade Judice, sympathica e muito prendada menina, filha do sr. Joaquim Eugenio Judice e D. Maria Francisca Grade Judice, opulentos proprietarios aqui residentes, com o sr. José Candido dos Santos Rocha, abastado proprietario d'esta villa e que aqui gosa de geraes sympathias, filho de José Candido Judice Rocha e de D. Maria José dos Santos Rocha, ambos já fallecidos.

Acompanharam os noivos á igreja numerosas pessoas todas ellas pertencentes a suas familias.

Foi celebrante o rev. Negrão, prior d'esta villa.

Foi madrinha a sr.ª D. Maria Grade Judice e padrinhos os srs. Joaquim Eugenio Judice, pae da noiva e João Bernardo dos Santos, tio do noivo.

A' noite em casa dos paes da noiva dançou-se animadamente e serviu-se uma lauta ceia.

Os noivos fixaram residencia n'esta villa d'onde ambos são naturaes.

Foram offerecidos os seguintes presentes:

A' noiva:

Do noivo, brincos de brilhantes;

de sua mãe, *pendentif* e brilhantes; de seu pae, um rico taboleiro de prata; de sua irmã D. Maria Grade Judice, uma salva de prata; de seu irmão e cunhada Joaquim Eugenio Grade Judice e D. Maria da Conceição Noutel Judice, uma linda saladeira em prata e crystal; de seu cunhado, Antonio M. de Mascarenhas Judice, um jarro de crystal e prata; de seus tios Patricio Eugenio Judice e D. Brites d'Abreu Judice, um rico serviço d'almoco em prata e uma salva; de sua tia D. Maria Paula de Figueiredo Mascarenhas Judice, duas palmatorias de prata e um estojo com um copo e escova para *toilette*; de sua tia D. Maria da Gloria Judice Fialho, um estojo com um copo e escova de prata; de sua tia D. Rosa d'Abreu Judice, um copo de crystal e prata; de seu sobrinho João Antonio Judice, uma salva de prata; de sua prima D. Marianna Pimenta Ju dice, uma caixa para pó d'arroz em crystal e prata; de sua prima D. Maria d'Abreu Judice de Magalhães Barros, um cofre de prata; de suas primas D. Moria da Luz Drago e filhas, um estojo com chavena, pires e colher de prata; de sua prima D. Maria Amelia Judice Carneiro, um rico leque de tartaruga e pennas de avestruz; de suas primas D. Paula e D. Rosa Judice Pimenta, uns lindos bordados; de D. Maria Firmina Marques Moreira, um *bomboniere*; de sua prima D. Eugenia Judice Ramos, um sacco em renda ingleza; de sua prima D. Rosa Judice Pimenta, duas estatuetas; de sua prima D. Maria da Gloria Judice Fialho d'Arvellos, um pente de marfim e prata; de sua prima D. Maria Anna Judice Fialho Callado, uma salva de prata; de suas primas *mademoiselles* Pimenta Judice, dois lindos *bouquets* de camélias; de Alfredo da Fonseca, um serviço de crystal para *toilette*; de sua comadre, Constança Pinto, uma manteigueira; das creadas Flavia, Delmira e Maria Emilia, um pente de marfim e prata, uma aneadeira de prata e uma escova de prata.

Ao noivo:

Da noiva, uma abotoadura de brilhantes; de sua irmã D. Maria José dos Santos Rocha Trindade, um tinteiro de prata; de seu cunhado, conselheiro Theophilo Trindade, uma cigarreira de prata; de seus tios dr. Joaquim Bernardo dos Santos e esposa, uma *bomboniere* em crystal e prata; de sua sobrinha D. Maria José, um *sachet* bordado; de sua sobrinha D. Zulmira, uma palmatoria; de seu tio padre Nascimento Rocha, um estojo com pente e escova de prata; de seu primo João Bentes Castel-Branco Ramos, um estojo com chavena e pires, do Japão; de seu amigo Antonio Trindade, um estojo com serviço de *toilette* em prata e crystal; de seu amigo Joaquim Fiel Figueiras, duas argolas de prata; de seu amigo Joaquim Carlos G. Vieira, uma almofada artisticamente pintada.

Appetecemos aos noivos todas as venturas de que são merecedores pelas suas excellentes qualidades.

Lagos, 3

Na semana passada foi roubado do sitio de S. João Martins, freguezia de Odeaxere, d'este concelho, um rebanho de 40 cabras, que consta ter apparecido no Morgado de Quarteira. Ignora-se quem seja o meliante. A auctoridade administrativa telegraphou para o administrador de Loulé pedindo a apprehensão das cabras e a prisão do meliente.

—Os soldados das fabricas d'esta cidade entregaram-se sem condições, começando a trabalhar e finalizando por isso a greve, excepto na fabrica Fialho, onde continua.

—No dia 30 de novembro, respondeu em audiencia de policia correctional, pelo crime de ultrage publico ao pudor, Manoel Guerreiro, solteiro, trabalhador, filho de Francisco Guerreiro e de Izabel Rosa, ds sitio da Alagôa da Rosa, freguezia de Benafim, sendo condemnado em doze dias de multa a 300 reis por dia e nas custas e sellos dos autos. Foi deffensor officioso o sr. dr. Nunes.

Monchique

A nova vereação já tomou posse, que lhe foi conferida pelo sr. dr. José Nunes Mitello, ficando constituída sob a presidencia do nosso amigo

sr. Joaquim Mascarenhas Pacheco, chefe do partido regenerador local. Por mais esta victoria para o partido regenerador podiamos n'esta occasião relembrar factos e phases porque tem passado a politica local, mas desistimos, aguardando occasião opportuna. Nas tres freguezias d'este concelho realisaram-se as eleições para vogaes das Junta de Parochia, com o resultado seguinte:

Nas fregaezias do Alferce e Marmellete, venceu a lista regeneradora, na de Monchique, lista franquista, por os regeneradores se terem abtido.

S. Braz de Alportel, 2

Hentem á noite esta aldeia foi surpreendida pela illuminação publica, pois nas tres noites antecedentes, apesar de tempestuosas, nem um só candieiro publico appareceu acceso. Pois fiquem os nossos conterraneos sabendo, se é que ainda ignoram, que foi motivo d'isso, como diz o nosso amigo Carvalho, o facto de já termos vereador novo, que é o sr. José Dias Sancho. Era tambem vereador este nosso conterraneo quando se inaugurou n'esta aldeia a illuminação publica no dia 1.º de dezembro.

Para muitas cousas termos de chamar a attenção do novo vereador; por hoje limitamo-nos ao seguinte pedido: para que mande avisar e mesmo chamar á sua presença os proprietarios dos carros, que maiormente os costumam deixar na rua, e lhes leia o artigo 52 do Codigo de posturas do concelho, em que se lhes prohibem esses abusos e se lhes indica a multa em que incorrem, quando n'elles continuem.

—Realizou se hontem á noite, no Centro Escolar Republicano, uma conferencia publica sobre a nossa restauração, sendo conferente o sr. Julio Cesar Rosallis. Tambem disse-ram algumas palavras sobre a nossa independencia os srs. Bernardo de Passos e José Pereira da Machada. Bernardo Passos escreveu uma poesia que foi recitada pelo sr. Pires Rico. Dizem-nos que a conferencia foi muita concorrida.

—Regressaram de Lisboa os srs. João Rosa Beatriz e João Manoel Rodrigues de Passos Junior.

—Tambem regressou do Alemtejo o sr. dr. Albuquerque.

MERCADO DE GENEROS

Preço dos generos abaixo designados durante a semana finda

Centeio.....	600	14	litros
Cevada.....	400	»	»
Chicharos.....	800	18	»
Favas.....	860	»	»
Feijão raiado...	17400	»	»
» branco...	17400	»	»
Grão.....	17200	»	»
Milho de regadio	600	»	»
» sequeiro	580	»	»
Trigo broeiro...	700	14	litros
Trigo rijo.....	740	14	»
Sal.....	30	»	»
Arroz.....	17700	15	kilos
Batata.....	450	»	»
Aguardente....	17400	10	litros
Azeite.....	37300	10	»
Vinagre.....	300	»	»
Vinho.....	700	»	»
Laranjas.....	200	1	cento

HENRIQUE BORGES

CIRURGIÃO DENTISTA

pela Universidade de Coimbra

Doenças da bocca e dos dentes.

Dentes artificiaes.

Consultas gratis aos pobres ás 9 da manhã.

Praça Ferreira de Almeida, 5

42 FARO

Agradecimento

Francisco Rodrigues Minh'Alma e Thereza de Jesus Minh'Alma, seus filhos, genro e nora, agradecem reconhecidos a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o funeral da sua sempre chorada filha, irmã e cunhada, Deolinda dos Reis Minh'Alma e bem assim ás pessoas que lhe enviaram as suas condolencias, e pedem desculpa por qualquer falta nos agradecimentos individuaes. A todos se confessam sinceramente gratos.

366

1.º ANNUNCIO

No dia 27 do corrente mez de dezembro, pelas 11 horas da manhã, á porta dos Paços do Concelho, na praça da Constituição d'esta cidade vae á praça para ser arrematado a quem maior lanço offerecer sobre o preço da respetiva avaliação, uma courella de fazenda no sitio do Brejo, freguezia da Luz d'esta comarca que consta de terra de semear, figueiras e uma oliveira, allodial e avaliada em 164\$000 reis. Este predio pertence ao casal inventariado por obito de Caetano Viegas, que foi casado com a inventariante Maria da Cruz, do sitio de Bello-Monte da mes-freguezia e é vendido por deliberação do conselho de familia e interessados para pagamento do passivo. A contribuição de registo, fica, na sua totalidade por conta do arrematante.

CASAS

Vende-se uma na rua da Caridade, com 3 compartimentos, sobrado, varanda e poço d'agua doce. Quem pretender dirija-se a Manoel Antonio Pires. 364

VENDE-SE

OU

ARRENDAR-SE

A propriedade *Areias*, proxima ás Cabanas, freguia da Conceição, que consta de terras de semear, viuha, oliveiras, figueiras e casas de moradia para caseiros.

Recebe propostas, Luiz Parreira, TAVIRA. 335

LEIAM

Concertam-se machinas de costura de qualquer qualidade, até mesmo a que outros artistas tenham desprezado. Compram-se machinas velhas. Concertam-se relogios de todas as qualidades e feitos.

Concertam-se bombas para tirar agua, e tambem quaesquer outros artigos de metal ou ferro fundido.

Garante-se a perfeição de todo o trabalho.

ANTONIO VIEGAS, o Gateiro

RUA DO MAU FORO

TAVIRA 361

VENDE-SE

Uma morada de casas terreas no Largo da Atalaya, com a frente para a Igreja de S. Sebastião, n'esta cidade; com 8 compartimentos, retrete 2 quintaes, sendo 1 com 2 ameixei-ras, terra de semear, poço d'agua doce e mais 2 compartimentos por daixo no rés do chão do mesmo prebio.

Quem pertender pode dirigir-se ao Solicitador Sebastião José Silva Junior, n'esta cidade. 352

PIANO

Vende-se um horisontal e proprio para estudo. N'esta redacção se diz. 356

VENDE-SE

Um predio com primeiro andar e baixos na Rua dos Cutileiros, dois ditos terrees na Rua do Forno do Barra e diferentes artigos de fer-ragens e drogas.

Trata-se com Francisco Pedro Maldonado, TAVIRA. 346

ADUBO CHIMICO

Com percentagem de 12 0/0 primeira qualidade. Vende José Antonio da Silva, Tavira. 342

VENDEM-SE

Por motivo de retirada, até ao dia 30 de novembro, os restantes artigos taes como: mobilia de sala, espelho grande, machina de costura, camas, mosaicos, algúmas cadeiras, mezas, uma viola, um bandomim e diferentes louças e vidros.

Trata-se a qualquer hora. Largo da Fonte 15, em Tavira. 362

GRANDE LOTERIA DO NATAL

Extracção a 23 de dezembro de 1908

Consta de 6:800 bilhetes, formando o capital de reis 544:000\$000!

O Cambista Testa que o anno passado fez a maior distribuição de que ha memoria dos premios maiores, convida o publico a habilitar-se nas suas casas, certo de que ninguem terá que arrepender-se no caso feliz de conseguir algum dos premios de que se compõe esta grande e extraordinaria loteria.

O CAMBISTA TESTA satisfaz na volta do correio todos os pedidos que lhe sejam dirigidos acompanhados das respectivas importancias em sellos, vales do correio, letras ou ordens 2/ Lisboa ou qualquer praça do paiz ou estrangeiro.

PLANO

1 Premio de.....	200:000\$000
1 » ».....	40:000\$000
1 » ».....	10:000\$000
2 » ».....	2:000\$000
3 » ».....	1:000\$000
10 » ».....	500\$000
24 » ».....	300\$000
333 » ».....	160\$000
2 Aproximações ao premio maior a.....	1:200\$000
2 Ditas ao 2.º premio, a.....	500\$000
2 Ditas ao 3.º premio, a.....	300\$000
679 Premios a todos os numeros que terminarem na mesma unidade do premio maior a.....	80\$000

1:060

Preços

Bilhetes a 80\$000 reis; meios a 40\$000; quartos a 20\$000; decimos a 8\$000 vigesimos a 4\$000.

Dezenas: 10 numeros seguidos (com um premio certo) de 22\$000 reis; 11\$000; 5\$500; 3\$300; 2\$200; 1\$100 e 600.

Cautellas de: 2\$600 reis; 2\$100; 1\$100; 550; 330; 220; 110 e 60.

Para a Provincia e Ultramar accresce a despeza do correio.

Dirigir ao cambista

JOSÉ RODRIGUES TESTA

74, Rua do Arsenal, 78

136, Rua dos Capellistas, 140

LISBOA

Endereço telegraphico=ROTESTA

— LISBOA (319)

VENDE-SE uma moblia de sala, em mogno e estofada. N'esta redacção se diz. 363

GRAMOPHONE

De 1.ª qualidade marca *Anjo*, vende-se um com 41 discos, tudo perfeitamente novo.

Quem pretender, dirija se a Francisco Lopes Camillor agente do *Seculo* em BOLIQUEIME. 365

VENDE-SE

A propriedade *Matto "Ordem*, junto á estrada real na freguezia da Conceição que consta de terras de semear, oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras, figueiras, casas de moradia para caseiro e armazem.

Trata-se com Luiz Parreira, TAVIRA. 356

COROAS

Coroas funebres em todos os tamanhos desde 1\$500 até 15\$000 reis, na Tabacaria Popular de

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

TAVIRA

COUPONS

Do *Seculo* e das *Novidades* Vendem-se na typographia do *Heraldo*